

UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS – UFAL
COORDENADORIA INSTITUCIONAL DE EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA – CIED
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM GÊNERO E DIVERSIDADE NA ESCOLA

Rafaela Calaça de Oliveira

**(RE)PENSANDO A DIVERSIDADE NO AMBIENTE ESCOLAR:
DESMISTIFICANDO IDEIAS CONSERVADORAS**

Orientadora: Elvira Simões Barretto

Maceió - 2016

(RE)PENSANDO A DIVERSIDADE NO AMBIENTE ESCOLAR: DESMISTIFICANDO IDEIAS CONSERVADORAS

Rafaela Calaça de Oliveira¹

RESUMO

Este artigo, recorte de um projeto de intervenção nomeado “*Tolerar o Diferente Não Ajuda na Aceitação das Diferenças*”, desenvolvido no período de 17 à 26 de fevereiro de 2016, que teve por objetivo conscientizar a comunidade escolar em relação ao respeito à diversidade e às diferenças, desmistificando ideias preconceituosas e discriminatórias propagadas pela sociedade. A pesquisa é de natureza qualitativa que consistiu em uma formação para a comunidade escolar da instituição de ensino Escola Municipal de Educação Básica Maria da Glória Duarte de Omena, localizada na cidade de Messias/AL, através de encontros, que foram realizadas rodas de conversas, entrega de questionários, além de trocas de experiências por meio de relatos vivenciados pelos educadores no exercício de sua profissão. Diante disso, partiu-se dos seguintes questionamentos: de que forma a diversidade é trabalhada pelo corpo docente? Essa questão central de pesquisa, desdobra-se em outros questionamentos secundários, tais como: qual o posicionamento dos (as) professores (as) diante das atitudes de preconceito e discriminação? Os (as) professores (as) obtém êxito em suas intervenções quando se trata de atos discriminatórios? Para fundamentar o trabalho nos valem os autores como, Deschatzky e Skliar (2000), Junqueira (2009), Araújo e Santos (2001), Barreto (2015), entre outros que nos ajudam a refletir sobre discussões acerca da diversidade e o papel que a escola exerce frente a estas problemáticas. Portanto, nas rodas de conversas os professores relataram que encontram dificuldades para lidar com situações de preconceito em sala de aula. Concluímos que é necessário que os(as) professores(as) busquem maneiras e práticas pedagógicas, através de diálogos com seus alunos(as), que o(a) levem a refletir sobre as situações de preconceito, no qual, todos consigam ter um olhar de respeito diante das particularidades de cada indivíduo. Assim, a escola deve garantir uma educação não discriminatória e democrática, lutando para prover um ambiente de respeito, igualdade, cidadania, liberdade e justiça, desmistificando ideias e visões conservadoras.

PALAVRAS-CHAVE: Diversidade, Preconceitos, Respeito e Direitos Humanos.

ABSTRACT

This article, a cutout from an intervention project named “*Tolerating the Different Does not Help Acceptance of Differences*”, developed from 17th to 26th february 2016, which aimed to educate the school community about respect for diversity and differences., demistifying

¹ Graduada em Pedagogia pela Universidade Federal de Alagoas – UFAL.

prejudiced and discriminatory ideas propagated by society. The research has a qualitative nature that consisted of a training for the school community of the Municipal School of Basic Education Maria da Glória Duarte de Omena, located in Messias City/AL, through meetings where conversations wheels were made, delivery of questionnaires, as well as exchange of experiences through reports by experienced educators in the exercise of their profession. Therefore, it started with the following questions: How diversity is worked out by the teachers? This central question of research, unfolds in other secondary questions, such as: what is the position of teachers in the face of prejudice and discrimination? In order to justify the work, we use authors as Deschatzky e Skliar (2000), Junqueira (2009), Araújo e Santos (2001), Barreto (2015), among others authors that help us reflect on discussions about diversity and the role that school plays in addressing these issues. So, on the wheels of conversations teachers reported that they find it difficult to deal with situations of prejudice in the classroom. We conclude that it is necessary for teachers to seek pedagogical ways and practices, through dialogues with their students, that let them reflect on situations of prejudice, in which everyone can have respect each individual particularities. Thus, the school must guarantee a non-discriminatory and democratic education, fighting to provide an environment of respect, equality, citizenship, freedom and justice, demystifying conservative ideas and visions.

KEYWORDS: Diversity, Prejudice, Respect and Human Rights.

INTRODUÇÃO

Este artigo tem por objetivo mostrar as intervenções realizadas na Escola Municipal de Educação Básica Maria da Glória Duarte de Omena, localizada na cidade de Messias/AL, no período de 17 de fevereiro a 26 de fevereiro, aplicada em quatro (04) sessões com duração de 60 minutos cada, em dias alternados. As intervenções foram desenvolvidas com profissionais da educação básica, com o intuito de conscientizar a comunidade escolar em relação ao respeito à diversidade e às diferenças, desmistificando ideias preconceituosas e discriminatórias propagadas pela sociedade. Vale dizer que para enriquecimento desse material, iremos abordar sobre a importância de se trabalhar os direitos humanos na escola.

A perspectiva em discutir sobre o tema está ligada a preocupação de como vem sendo abordada a diversidade na escola, pois geralmente nos discursos é apresentado que a diversidade é a construção histórica social e cultural das diferenças, que todos merecem respeito independente de suas escolhas e que devemos respeitar a herança cultural de todos os povos, porém na prática é muito difícil colocar-se no lugar do(a) outro(a) e valorizar as diferenças existentes. Segundo Deschatzky e Skliar (2000) o sujeito visto de forma desigual funciona como depósito de todos os males, ou seja, a diferença do outro é utilizada para justificar as crises ocorridas na sociedade e que precisam ser eliminadas.

Na instituição escolar acontece da mesma maneira, as diversidades são tratadas de forma mascarada e superficial, apenas é ensinado o que é diversidade cultural, por exemplo, mostram as particularidades de cada grupo, onde vivem e como vivem, mas não oferece a oportunidade de participação, ou seja, não dá oportunidade para que o (a) aluno (a) se coloque no lugar do (a) outro (a), para que sinta o outro e compreenda de fato as diferenças.

Dessa forma, o (a) aluno (a) passa a tolerar essas diferenças para evitar qualquer situação constrangedora, a indiferença acaba ganhando espaço e mais uma vez o outro é colocado de lado, pois quando se tolera apenas permite que o (a) outro (a) exista, causando uma relação de superioridade de um sobre o (a) outro (a), do legítimo acima do considerado ilegítimo.

Acreditamos que a dificuldade em se trabalhar esse tema na escola, se dá pelo fato da comunidade escolar não ter o conhecimento necessário para tratar as questões de preconceito que surgem no cotidiano escolar. Diante disso, buscam-se respostas para os seguintes questionamentos: de que forma a diversidade é trabalhada pelo corpo docente? Essa questão central de pesquisa desdobra-se em outros questionamentos secundários, tais como: qual o posicionamento dos (as) professores (as) diante das atitudes de preconceito e discriminação? Os (as) professores (as) obtêm êxito em suas intervenções quando se trata de atos discriminatórios?

Nesse sentido, a escola é um lugar propício para essa reflexão acerca de uma educação com propósitos inclusivos com o intuito de subverter os valores hegemônicos e as relações de poder que nortearam a edificação de uma escola para poucos (as). Para isso, é necessário se pensar em uma educação baseada em valores, respeitando os direitos humanos e sem qualquer tipo de desigualdade social, que preparem seus (suas) alunos (as) para conviver em uma sociedade plural, repleta de pessoas que vivem de forma diferente, mas que respeitam as diferenças e buscam questionar as formas de conhecimento consideradas dominantes, por meio de uma educação livre, baseada no respeito e na integração, envolvendo toda a comunidade escolar, visando à transformação social, a partir de um processo contínuo.

COMO TUDO COMEÇOU: INICIANDO AS INTERVENÇÕES NA ESCOLA

Iniciamos as nossas intervenções no dia 17 de fevereiro de 2016 com a apresentação do artigo para a direção da Escola Municipal de Educação Básica Maria da Glória Duarte de

Omena, localizada na cidade de Messias/AL. Fomos recebidos na sala da direção, na qual falamos sobre a nossa proposta de intervenção. A diretora se mostrou bastante otimista e ansiosa para que o projeto fosse posto em prática, pois, segundo ela, existem barreiras por parte de alguns profissionais para trabalhar o respeito à diversidade, e que o projeto ajudaria a derrubá-las, construindo uma nova conscientização, promovendo o respeito e a igualdade entre todos, através do diálogo e da interação com todos que formam a escola.

De acordo com BARRETO (2015, p. 4):

Mais do que nunca é preciso proporcionar a criação de espaços dialógicos dentro das escolas que favoreçam o reconhecimento da diversidade como valor positivo, a promoção da justiça social e o enfrentamento dos preconceitos e de todas as formas de discriminação, a fim de promover os espaços de ação profissional, em especial as Instituições de Educação Básica, com lugares de qualidade educacional, humana e social.

Retornamos a instituição de ensino no dia 19 de fevereiro de 2016 para nos reunirmos com o corpo docente e com alguns funcionários da escola na sala dos professores, estavam presentes 05 (cinco) professores, 01 (um) porteiro e 01 (coordenadora). Primeiro apresentamos de forma breve a nossa proposta de intervenção e pedimos que respondessem a um questionário com o objetivo de sondar o que eles pensam a respeito da diversidade e como lidam com os atos de preconceito que acontecem dentro da escola.

No momento de preencher o questionário uma professora começou a relatar um fato de preconceito sofrido por uma criança na sua sala de aula, destacando que sentia dificuldade de solucionar os conflitos que surgiam.

- Na minha turma tem uma criança que sofre preconceito, as outras crianças chamam ele de menininha, de bichinha, só porque ele não costuma brincar de correr e nem gosta de jogar bola, ele prefere brincar com as meninas. – disse a professora.

Informamos para ela que a partir das nossas discussões, juntos iríamos encontrar maneiras de trabalhar a conscientização nos alunos acerca do respeito às diferenças.

Em seguida, analisamos os questionários respondidos pelos profissionais da educação e percebemos que muitos tiveram dificuldade para relatar como resolviam os conflitos que envolvem a orientação sexual dos alunos, muito relataram que conversam com as crianças, mostrando que eles estão agindo de forma errada, porém não obtém resultados satisfatórios, as brincadeiras preconceituosas continuam. É importante dizer, que os professores apresentaram

muita inquietude em não saber se posicionar durante as situações de conflitos que se deparam, pois segundo eles, está cada vez mais presente essas situações dentro da escola.

No dia 24 de fevereiro comparecemos a escola para realizar uma roda de conversa com os professores a partir da leitura do texto “*LU F.N.: Quem der que o mundo fosse igual e...*”² e dos questionamentos que englobam o projeto. Após a leitura, iniciou-se um longo diálogo, muitos relataram que o texto trazia considerações pertinentes, mas que na prática é diferente, pois não existe respeito entre as pessoas e que a maneira utilizada por eles para solucionar os conflitos que acontecem diariamente não são satisfatórios, como podemos observar no diálogo abaixo:

Professora 1: *O texto é muito interessante, mas isso está muito difícil na prática, não só dentro da escola, mas na sociedade em geral, ninguém respeita ninguém.*

Professora 2: *Muitas pessoas deixam de mostrar quem realmente são, porque sabe que vão encontrar problemas na família e na sociedade. Não conseguem ser feliz da maneira que escolheram viver.*

Professora 3: *Aqui mesmo na escola, as crianças são pequenas, mas já encontramos crianças preconceituosas que não querem brincar com a outra por causa da cor da pele ou porque tem um jeitinho diferente, não sei se vocês me entendem, que não gostam de brincar de coisas que fazem parte do seu sexo.*

Estagiário: *Como assim não fazem parte do seu sexo?*

Professora 3: *Na minha sala tem dois meninos que não gostam de jogar futebol e nem de brincar de correr, gostam de ficar sentados conversando e por causa disso são excluídos, os demais não falam com eles e quando falam é para xingar e chamar de bichinha.*

Estagiário: *E como você faz para solucionar esses conflitos dentro da sala de aula?*

Professora 3: *Ah! Eu converso dizendo que eles não podem destratar os colegas porque eles não gostam de brincar das mesmas brincadeiras, que eles precisam respeitar como eles são.*

Professora 2: *Eu também faço essa fala na minha sala quando acontece situações de preconceito, mas não resolve, no mesmo dia ou melhor na mesma hora eles estão fazendo a mesma coisa.*

Estagiária: *Alguém tem uma forma melhor de realizar as intervenções quando encontrar esse tipo de situação na sala de aula?*

Professora 4: *Eu acho que ninguém está preparado para trabalhar com essas situações na escola. A gente tenta acabar com os preconceitos, mas é impossível, a gente não consegue. Eu acho que quando as crianças chegam à escola, elas já veem com os conceitos formados de casa, fica muito difícil mudar a opinião delas.*

² Texto disponível em: <http://mensagens.culturamix.com/frases/mensagens-que-ensinam-a-respeitar-as-diferencas>. Acesso em 28 de Dezembro de 2015.

Estagiária: Mas o que vocês acham que falta? Será que se nós professores tivéssemos uma formação melhor sobre o tema, não seria mais fácil resolver esses conflitos?

Professora 1: Sim! Momentos como esses são ótimos, para que a gente aprenda e reflita a maneira que devemos agir com as crianças.

Estagiária: Isso mesmo! O ambiente escolar é um ótimo espaço para debates e reflexões, pois contempla todos os tipos de diversidades e nós como professores não podemos nos eximir da responsabilidade de abordar questões relativas ao respeito pelo outro mesmo que ele se apresente fora do padrão imposto pela sociedade. Devemos desmistificar as ideias preconceituosas e discriminatórias propagadas pela sociedade, desenvolvendo projetos para conscientização dos alunos e todos os que fazem parte da comunidade escolar, da necessidade de respeito às diferenças, ou seja, é necessário que os professores promovam a reflexão a fim de que possam desconstruir as posições exclusivas, preconceituosas e racistas para que todos possam viver de maneira justa na sociedade, sem serem tachados por serem diferentes.

Nesse diálogo é possível observar, que os(as) professores(as) encontram dificuldades para lidar com situações de preconceito em sala de aula, pois para eles, os(as) alunos(as) já veem para escola com os conceitos formados de casa pela família, não sendo uma tarefa fácil, introduzir novas formas de pensar, ou seja, enxergar o outro sem preconceito por ser diferente. Apesar disso, percebemos que os(as) professores(as) se mostraram otimistas com a roda de conversa e que pretendem a partir das discussões mudar a sua prática diante dos conflitos, além de tentar abordar mais os temas na sala de aula, através de textos reflexivos, deixando que o aluno também exponha a sua opinião.

No dia 26 de fevereiro de 2016 para finalizar o nosso período de intervenção promovemos um momento de conscientização no pátio da escola com entrega de folders informativos com ênfase no respeito às diferenças, como o objetivo de quebrar os preconceitos. A nossa proposta nesse dia foi alcançar ao máximo todos(as) que formam a comunidade escolar, principalmente os pais das crianças, visto que nos relatos dos(as) professores(as) muitos(as) alegaram que o trabalho se torna mais difícil, pelo fato, das crianças já chegarem na escola com a opinião formada.

Nos concentramos no pátio da escola e à medida que os pais iam chegando para deixar os(as) filhos, recebiam os folders e algumas orientações sobre o conteúdo. Alguns/algumas demonstraram grande entusiasmo em receber as informações e as orientações de como lidar com algumas situações de preconceito que os filhos possam sofrer no cotidiano.

(RE) PENSANDO A PARTIR DAS INTERVENÇÕES

As intervenções foram momentos importantes para todos(as) nós envolvidos(as), uma vez que nos possibilitou refletir sobre uma nova maneira de pensar a aceitação das diferenças, pois infelizmente dentro da sala de aula, os assuntos são tratados de forma mascarada e superficial, o(a) professor(a) apenas chama a atenção do(a) aluno(a) que cometeu algum ato preconceituoso, mas não mantém um diálogo satisfatório, que o(a) leve a refletir sobre o que fez, ou seja, uma reflexão de como o(a) aluno(a) deve enxergar o respeito às diferenças. Segundo Barretto (2015, p.3):

Uma ação educativa voltada ao desenvolvimento de atitudes relativas ao posicionamento social e promotor do desenvolvimento humano é pré-requisito:

- Reconhecer o respeito às identidades, diferenças e especificidades de cada pessoa como um direito social inalienável;
- Respeitar com um direito social inalienável;
- Respeitar e valorizar a diversidade;
- Repudiar qualquer forma de discriminação;
- Promover a equidade;

Diante disso, podemos dizer que para se ter uma educação que privilegia o respeito às diferenças, precisamos retirar de nossa sociedade normas e valores, que refletem na formação dos indivíduos e que nós como sujeitos dessa sociedade, devemos buscar a mudança, através de uma educação que promova o pensamento crítico, a convivência, o compromisso, a criatividade e a justiça, a fim de formar cidadãos e cidadãs éticos que reconheçam de forma positiva a diversidade.

Junqueira (2009) afirma que para que a diversidade conduza a uma ação pedagógica desmistificadora, libertária, emancipatória e vitalizadora, é preciso agir com criatividade, encontrar linhas de fuga, de modo a permitir que ela seja reconhecida, que a presença e as experiências de vida daquele tido como diferente sejam vistas como possibilidades legítimas, e que seja garantido seu direito à interlocução. Ao promover uma cultura de reconhecimento e de respeito à diversidade, ensejam-se novas formulações acerca do que também pode ser pensado e conhecido, bem como novas formas de aprender, reconhecer, ser, agir, pensar e sentir.

A partir das intervenções realizadas percebe-se que os(as) professores(as) devem repensar a postura como educadores(as), reconhecendo a diversidade em sala de aula e pensar

em diferentes formas de trabalho para estruturar ações educativas condizentes com a realidade de seus alunos, desconstruindo toda a forma de violência, injustiça social, preconceito e discriminação que possa existir em nossa sociedade. Daí a importância do professor estar atento às necessidades e interesses dos(as) alunos(as), levando em consideração as diversas dimensões que constituem o sujeito: cultural, social, linguística, emocional e cognitiva, desconstruindo assim, teorias e práticas reducionistas, interagindo de maneira ativa e consciente. Dessa forma, é necessário promover uma educação em que o professor e os alunos passem a enxergar o outro sem preconceito por ser “diferente”, que se respeitem e que convivam em uma sociedade que seja justa e igualitária para todos.

A IMPORTÂNCIA DOS DIREITOS HUMANOS NA ESCOLA

É necessário sabermos qual a relação existente entre direitos humanos e educação, destacando a importância de sua abordagem na escola, bem como os obstáculos encontrados e impactos causados no processo de efetivação e condução, mostrando também como selecionar conteúdos, métodos, teorias e práticas, contemplando a perspectiva dos direitos humanos.

O desrespeito à diversidade agride os direitos humanos e ao princípio da dignidade da pessoa humana, contrariando a ideia de que todos e todas devem ser tratados de forma igualitária perante a lei e na sociedade, não podendo haver nenhuma distinção entre os indivíduos, porém o preconceito está alocado em nossa sociedade, ou seja, é passado de geração para geração, onde o considerado “diferente” é visto com desprezo pelo resto da sociedade. Diante disso, é preciso, que tiremos as “vendas” dos olhos e não aceitemos esse posicionamento da sociedade como algo natural, devemos vê-lo como algo que está presente de forma constante em nossa sociedade e que precisa ser combatido.

A escola tem papel fundamental em preparar seus/suas alunos(as) para exercer a cidadania e para conviver numa cultura de diversidade. Saber conviver com as diferenças não é tarefa fácil, porque nos desafia a questionar valores e opiniões que já estão enraizados dentro de nós. Assim, a escola deve buscar meios de problematizar temas históricos, sociais e culturais, permitindo que os alunos se desenvolvam, construindo uma visão crítica do mundo, podendo ser agentes transformadores da realidade.

É bastante comum a presença de discriminação e preconceito na escola diante das diferenças, sejam elas referentes à raça, gênero, etnia, religião, classe social, orientação

sexual, deficiência, entre outras. Assim, os alunos (as) que não seguem um “padrão” podem se tornar alvos de agressões verbais e físicas, o que pode ocasionar uma violação de sua identidade.

Nesse sentido, a escola deve garantir uma educação não discriminatória e democrática, lutando para prover um ambiente de respeito, igualdade, cidadania, liberdade e justiça. Para que isso aconteça, não basta simplesmente haver uma transmissão de conhecimentos sobre os direitos humanos, mas é necessário que os professores trabalhem buscando estratégias e práticas pedagógicas que possibilitem debates e discussões, que permitam que os sujeitos dialoguem, compartilhando suas experiências para que de fato consigam vivenciar os direitos humanos, sabendo respeitar as particularidades de cada um. Como Araújo e Santos afirmam:

Daí se faz mister perceber a diversidade existente na composição do espaço escolar, enquanto algo enriquecedor para o aprendizado de todos/as membros da comunidade aprendente, tendo em vista uma perspectiva educacional que motive e prime pela inclusão de todos e todas ela constituintes. Isto porque algumas práticas escolares ainda são excludentes e não tendem a fecundar o diálogo entre o diverso, possibilitando assim um aprendizado mútuo. (ARAÚJO; SANTOS, 2013, p. 209).

É importante que o(a) professor(a) procure identificar os problemas e comportamentos apresentados pelos seus alunos, aprendendo a lidar com suas diferenças, conhecendo a cultura das minorias, disponibilizando apoio e proteção, de modo que possam encontrar na escola um ambiente seguro e saudável para o seu desenvolvimento, onde possam manifestar a sua identidade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao se falar em Direitos Humanos na escola devemos levar em consideração, a sociedade em que vivemos. Nela está introduzida normas e valores que são passadas de pais para filhos, ou seja, quando os alunos chegam na escola já tem os seus conceitos formados, sendo difícil introduzir as normas e valores que prezam o respeito as diferenças.

Por esse motivo, é possível verificar que os(as) professores(as) sentem dificuldade para lidar com situações de preconceito dentro da escola, muitas vezes não sabendo como resolver. Para tanto é necessário que esses professores busquem maneiras e práticas pedagógicas, através de diálogos com seus alunos, que o levem a refletir sobre as situações de preconceito, no qual, todos consigam ter um olhar de respeito diante das particularidades de

cada sujeito. Assim, a escola deve garantir uma educação não discriminatória e democrática, lutando para promover um ambiente de respeito, igualdade, cidadania, liberdade e justiça.

Diante disso, o professor é “peça” fundamental na (re)construção da identidade de seus alunos, não podendo se eximir da responsabilidade de abordar questões relativas as desigualdades sociais, buscando desmistificar as ideias preconceituosas e discriminatórias propagadas pela sociedade, desenvolvendo projetos para conscientização dos alunos e os que fazem parte da comunidade escolar da necessidade de respeito às diferenças. Para isso, é necessário que os professores estejam sempre atualizados quanto às práticas educativas, promovendo a socialização e a diversidade humana a fim de que possam desconstruir as posições exclusivas, preconceituosas e racistas. Possibilitando imaginar, desempenhar papéis, aprender com o outro, a formar relações com outros sujeitos, expressar sua criatividade e indicar suas intenções e seus anseios através de diálogos e ações. Portanto, é essencial estimular o interesse dos alunos pela temática, em busca, de um ensino e uma aprendizagem crítica, consciente e interativa, desmitificando ideias e visões conservadoras.

REFERÊNCIAS

ARAÚJO, P. C. A.; SANTOS, J. M. C. T. **Ensinando história pelo olhar da diversidade eticorracial: leituras da formação continuada de professores.** Revista Reflexão e Ação, Santa Cruz do Sul, v.21, n. esp., p.207-220, jan./jun.2013.

BARRETTO, Elvira. Coeducação ou educação em valores sem desigualdade social de classe, de gênero, étnico-racial e de orientação sexual. **IN: Curso de Especialização em Gênero e diversidade na escola. Módulo V: Ética e coeducação.** Unidade II. ED UFAL/CIED Cursos, Maceió, 2015.

DUSCHATZKY, S; SKLIAR, C. **Os nomes dos outros:** Reflexões sobre os usos escolares da diversidade. Educação e realidade, v. 2, n. 25, p. 163-177, jul/ dez, 2000.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido.** Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1980.

JUNQUEIRA, Rogério Diniz. **Políticas de educação para a diversidade sexual:** escola como lugar de direitos. Brasília, p. 161-193, 2009.

LIMA, Eden Erick Hilaro Tenorio de.. **Ética e coeducação:** reflexão sobre moral na história; a moral e seu caráter histórico, de classe social, de gênero e etnicorracial. **IN: Curso de Especialização em Gênero e diversidade na escola. Módulo: Ética e coeducação.** ED UFAL/CIED Cursos, Maceió, 2015.

LU F. N.: QUEM DERA QUE O MUNDO FOSSE IGUAL E... Disponível em: <<http://mensagens.culturamix.com/frases/mensagens-que-ensinam-a-respeitar-as-diferencas>>. Acesso em 28 de Dezembro de 2015.

MENDONÇA, E. F. **Educação em direitos humanos:** diversidade, políticas e desafios. Revista Retratos da escola, Brasília, v.7, n.13, p.255-262, 2013